

Apresentação

Zilá Bernd

*Apague os rastros!
Cuide, quando pensar em morrer
Para que não haja sepultura traindo onde jaz
Com uma nítida inscrição que o denuncie
E o ano de sua morte que o entregue!
Mais uma vez:
Apague os rastros!
(Assim me foi ensinado.)
Bertolt Brecht*

O tema da memória e de seus vestígios (*traces*) ocupa pesquisadores de áreas diversas na medida em que a preocupação com o tempo e com o que resta dele em seu passar vertiginoso é o que constitui nossa visão de mundo e nossa identidade. Por se constituir em temática fulcral da teoria e da crítica literárias e em matéria recorrente da literatura de todos os tempos, retomada de forma incontornável na contemporaneidade, propusemos o tema da *Estética dos vestígios* para a presente edição de *Estudos de literatura brasileira contemporânea*.

Donaldo Schüler, em publicação recente, retoma oportunamente a questão, retrocedendo a Santo Agostinho:

Agostinho, isolando-se do mundo, elabora um monólogo com Deus, *As confissões*. O tempo retira-se das coisas a que sempre esteve ligado. Tempo não é nada, nem como passado nem como futuro. Pretérito (*praeteritum, praeteria*) e futuro (*futurum, futura*) são noções adjetivas. Pretérito (*de praeter ire*, ir além) é o que já passou. Se já passou não existe mais e ao passar deixou imagens (*imagines*), rastros (*vestigia*) impressos no espírito, rastros como os gravados na areia, imagem de quem os deixou (Schüler, 2012, p. 158-9).

Nessa medida, Schüler atribui a Santo Agostinho o papel de renovador e reorientador dos estudos sobre a memória, mostrando que o discurso (*verba*) não se alimenta de fonte objetiva (*logos*), mas de vestígios que ficaram no íntimo de cada emissor, ligados, portanto, à subjetividade e aos afetos. Por isso, o “o acontecimento lembrado é sem limites” enquanto “um acontecimento vivido é finito” (Benjamin, 1994, p. 37).

Na verdade, entre memória e esquecimento, o que sobra são os vestígios, os fragmentos do vivido, o qual jamais pode ser recuperado na sua integralidade. De onde a preocupação dos regimes totalitários em “apagar os rastros” para que seus atos arbitrários não possam ser lembrados. Mas sempre sobra algum rastro que a sensibilidade dos escritores consegue retrair e incorporar à matéria poética. Desse modo, se nossa memória é um receptáculo de resíduos memoriais, a literatura também o é, o que fez J. Derrida afirmar que toda a escritura é uma “casa assombrada”, devido a intercorrências tais como citações, alusões, menções, recordações, referências (Bernd, 2011).

Os artigos aqui apresentados retomam essa fértil temática, com estudos sobre autores da literatura brasileira contemporânea. Regina Dalcastagnè abre a coletânea com “Colocar-se em palavras: memórias de um percurso íntimo”, original artigo em que a escrita autoficcional do premiado Salim Miguel é confrontada com manuscritos de seu pai, José Miguel, em sensível trabalho de decifração das passagens entre memória e imaginação. A análise resulta de uma mirada para os dois textos, onde a mescla de afeto e rigor científico dá a medida do que de melhor se faz atualmente em termos de decifração de memórias ancestrais. Zilá Bernd, por sua vez, analisa a obra *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, no artigo “Em busca dos rastros perdidos da memória ancestral”, refletindo sobre a história rasurada da escravidão no Brasil a partir da recuperação dos restos memoriais conservados na tradição oral de várias gerações de mulheres desde a travessia do Atlântico até a chegada às fazendas. Como o trapeiro (*chiffonier*) de que nos fala Baudelaire, ela recompõe, em 950 páginas, os testemunhos inscritos na memória social de escravos e libertos do Brasil escravagista do século XIX.

Gilberto Figueiredo Martins, na mesma linha de observação dos resquícios da memória afro inscritos na literatura brasileira, faz leitura sensível do conto “Eguns”, da coletânea *Abraçado ao meu rancor*, de João Antônio, de 2001. Trata-se de um relato da festa, realizada ainda hoje em dia na Ilha de Itaparica na Bahia, dedicada ao culto dos ancestrais. Se Ana Maria Gonçalves tenta resgatar as vozes da ancestralidade feminina que são transmitidas através das gerações, João Antônio resgata o pensamento africano por meio dos *eguns*, que, como afirma Martins, são “entidades ancestrais que regressam, espíritos de mortos (geralmente de personalidades destacadas quando vivas, por terem exercido alta função social e/ou religiosa), almas de remotos antepassados masculinos que conservam sua individualidade no além, no mundo sobrenatural (*òrun*), e retornam à terra, ao mundo dos vivos (*àiyé*), quando invocados, por exemplo, em

cerimônias de culto e homenagem como a que o narrador presenciara”. Desse modo o conto em análise reencena preciosos vestígios da memória africana, como os rituais dos *eguns*, que se manifestam no Bahia em raras ocasiões, tendo praticamente desaparecido da memória coletiva das comunidades de descendência africana.

Rita Olivieri-Godet, em “Traumas e travessias: a alteridade ameríndia e as fronteiras simbólicas da nação”, vale-se de vastíssimo *corpus* constituído pelos mais representativos autores brasileiros, como Moacyr Scliar, Milton Hatoum, Antonio Callado, Murilo Carvalho, Márcio de Souza e Luiz Antônio de Assis Brasil, para discutir a questão do apagamento dos rastros do genocídio indígena no Brasil e nas Américas. Ressalta a importância dessa vertente da literatura brasileira que adota a perspectiva simbólica do canibalismo Tupinambá, afastando-se assim da visada eurocêntrica que negava radicalmente a alteridade indígena. Ao recolher os vestígios do pensamento indígena, esses autores contemplam sua alteridade e injetam no tecido literário a fertilidade do heterogêneo.

Aimée G. Bolaños e Raquel R. Souza, por sua vez, trabalham com poesia brasileira, analisando, respectivamente, as obras de Cecília Meireles e de Manoel de Barros, na instigante perspectiva da invenção da memória. Aimée G. Bolaños coloca em paralelo a poeta brasileira Cecília Meireles e a poeta cubana Dulce Maria Loynaz, apontando como fator de convergência entre ambas a arte de ficcionalização da memória no engendrar do texto poético. Em seus poemas, as duas poetas, “ao rememorar, pensam o mundo e a poesia, ademais de pensar a si mesmas, fazendo ficção memorável da experiência vital e criativa”, nos informa a autora que, além de pesquisadora na área de literatura, também é poeta. O trabalho de Raquel R. de Souza elege o livro *Memórias inventadas: a infância*, do poeta goiano Manoel de Barros, para quem memória é imaginação. A leitura tem como apoio teórico os estudos de Gaston Bachelard sobre o devaneio.

Por fim, o artigo de Ana Luiza Andrade, “Ruínas de mundos perdidos: a estética residual de Brennand”, examina a memória a partir das artes visuais, mais especificamente a escultura de Francisco Brennand. O estudo, que se baseia no conceito de “ruínas” evocado por J. L. Borges, em *As ruínas circulares*, e em W. Benjamin, no artigo antológico “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, analisa as cabeças de Brennand como “vestígios de mundos perdidos nas catástrofes”, relacionado-as às ruínas presentes também em textos literários de autores como Osman Lins, Antonio José Ponte, João Cabral de Melo Neto e Jorge Luis Borges.

Desejo a todos uma proveitosa leitura desses textos que nos ensinam que as reminiscências se recompõem por meio dos vestígios, sendo que

Zilá Bernd _____

os espaços lacunares são completados com a invenção, o empréstimo e a imaginação, já que o acontecimento lembrado é sem limites, para retomarmos uma vez mais os ensinamentos incontornáveis de W. Benjamin para os estudos da memória.

Porto Alegre, setembro de 2012.

Referências

- BENJAMIN, Walter (1994). "A imagem de Proust", em *Obras escolhidas*. v. 1. Magia e técnica; arte e política. São Paulo: Brasiliense.
- BERND, Zilá (2011). "Vestígios memoriais: fecundando as literaturas das Américas". *Conexão Letras*, n. 6, p. 9-15.
- BRECHT, Bertolt (2000). *Poemas 1913-1956*. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo: Brasiliense, Editora 34.
- SCHÜLER, Donaldo (2012). "Buracos na memória", em *Afrontar fronteiras*. Porto Alegre: Movimento, Braskem.